



## PROJETOS ANTIGOS DE EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS: INVESTIGAÇÃO DE CONVENÇÕES E TÉCNICAS REPRESENTATIVAS.

HELENA LIMA SALINAS RAMOS<sup>1</sup>; TABITA PRIESE SAUERESSIG<sup>2</sup>; SAMANTHA BALLESTE<sup>3</sup>; NATALIA NOUMOVA<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [helenalima99@hotmail.com](mailto:helenalima99@hotmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [tabitasaueressig@gmail.com](mailto:tabitasaueressig@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [samantha\\_balleste@hotmail.com](mailto:samantha_balleste@hotmail.com)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – [naoumova@gmail.com](mailto:naoumova@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A representação gráfica contextua-se, em um sentido amplo, como uma forma de expressão, de modo a retratar e comunicar visualmente elementos abstraídos do mundo externo. Une o inconsciente e o intelecto, produzindo um padrão de formas e símbolos que conformam uma ideia pretendida por um autor, e podem ser decifrados através do ato de ver e de interpretar (ARNHEIM, 2005). Tais representações podem ser realizadas com diferentes técnicas e mecanismos, seja através do papel, computador, ou escultura - o sistema que mais atender às intenções daquele que as produz.

A representação gráfica é considerada a linguagem universal do campo arquitetônico, porque seus códigos e convenções, juntamente com seu caráter artístico, podem ser facilmente interpretados em qualquer lugar do mundo. Assim, não há como falar em processo projetual sem referir-se à representação gráfica utilizada, uma vez que esta é primordial para revelar, explorar e desenvolver informações necessárias do projeto (CHING, 2011).

Embora haja uma grande variedade de tipologias de representação, alguns mecanismos se destacam no campo do desenho arquitetônico. Entre elas, está a utilização da tinta aquarelada, que desde a antiguidade, tem sido frequentemente explorada na apresentação de projetos para evidenciar volume, representar sombras e cores em fachadas e para dar mais expressividade às características dos materiais constituintes. Na história do Brasil, a representação gráfica também tem um papel importante. Desde a época colonial, as plantas e as pinturas de paisagens eram utilizadas como um meio de registro, o que permitiu, posteriormente, o reconhecimento de como era o urbanismo e a arquitetura das cidades no Brasil Colônia (REIS, 2000). Saber como foram usados esses recursos gráficos expressivos, inclusive aqueles proporcionados pela aquarela, torna-se importante para entender e interpretar adequadamente projetos desenvolvidos no passado que possuem registro histórico.

A fim de contribuir com essa temática, esse estudo analisa representações de projetos antigos, datados entre o final do século XIX e início do século XX, que apresentam uma linguagem eclética. Tais projetos foram levantados no arquivo da Secretaria Municipal de Gestão da Cidade e Mobilidade Urbana (SEURB) da cidade de Pelotas – RS. O trabalho busca resgatar as qualidades gráficas, materiais e técnicas utilizadas para representação dos elementos presentes nas pranchas, identificando, também, o nível de expressividade em que essas representações foram condicionadas. Outras características foram analisadas, como a existência de um padrão metodológico rígido para a representação dos projetos, e a possível

relação entre as cores presentes nas fachadas dos projetos desenhados e as cores reais utilizadas nas edificações do período eclético.

## 2. METODOLOGIA

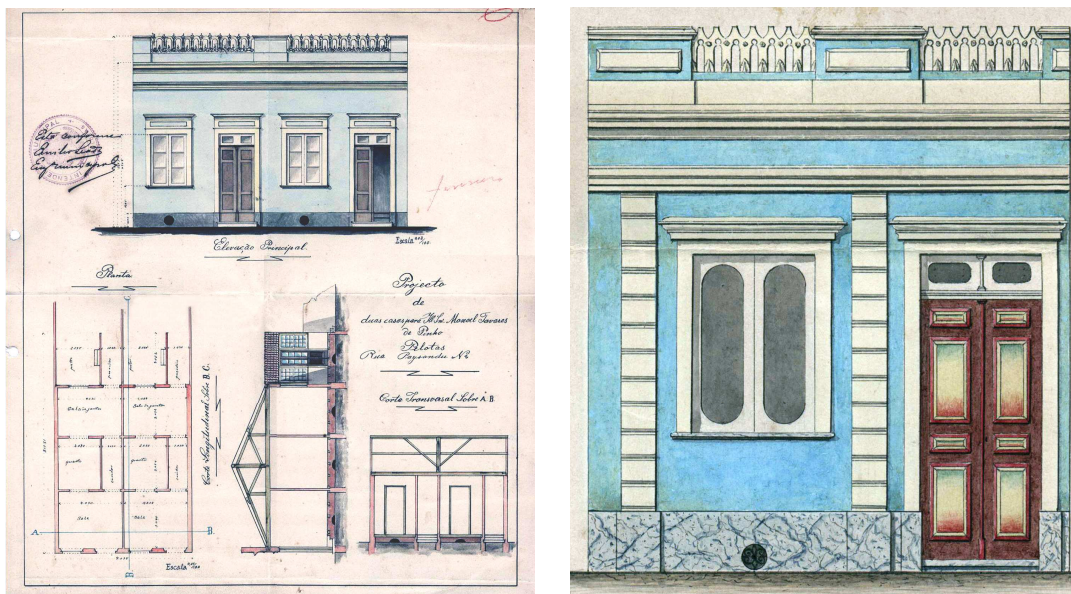
A metodologia geral proposta para a pesquisa foi baseada nos estudos de Naoumova (2003), e se organiza nos seguintes procedimentos: (1) elaboração de critérios de análises de conteúdo exposto nas pranchas; (2) identificação dos elementos existentes (planta baixa, fachada, corte e informações adicionais); e (3) análise desses dados – com quantificação dos dados em planilhas. As informações obtidas foram avaliadas de duas formas: (i) observação e análise individual de cada projeto (com objetivo de destaque e diferenciação dos elementos existentes nas pranchas) e (ii) observação e análise de dados e convenções de todos os projetos em conjunto, a fim de definir os padrões típicos de graficação e representação.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme o andamento da pesquisa, foi evidenciado, nos aspectos gerais, que as pranchas tiveram a sua dimensão em torno de uma folha A3. Várias possuíam carimbo da prefeitura e nomes do arquiteto e proprietário anotados, assim como o endereço da construção. A disposição dos desenhos nas folhas variou tanto na vertical quanto na horizontal. O traçado geral dos desenhos foi feito a nanquim e mostrou-se muito preciso. As fachadas foram apuradas com o uso da técnica de pintura com tinta aquarela de várias tonalidades.

Na análise do conteúdo das pranchas, foi possível observar que os desenhos dos projetos possuem algumas convenções técnicas e expressões estéticas que se repetem: corte longitudinal com escala e posição usualmente correspondente à planta baixa; corte transversal aparece em escala menor; a fachada sempre ganha maior destaque, tanto pela escala de representação, quanto pelo detalhamento e pintura colorida (Figura 1).

Figura 1 – Exemplo de Prancha e de Fachada.



Fonte: Arquivo SEURB de Pelotas.

Na indicação gráfica de elementos dos projetos destacou-se, além da exatidão dos desenhos técnicos, a preocupação com expressividade dos desenhos. A representação das paredes cortadas, por exemplo, apareceu em todas as pranchas, acentuada com tinta aquarelada nos matizes beges e avermelhados. Foi evidenciada também, uma técnica de sombreado com utilização do recurso do traçado mais grosso em um lado das paredes nas plantas baixas e nos cortes, esse efeito proporcionou maior dimensionalidade e expressividade ao desenho.

Nos cortes surgiu a parte da fachada em vista colorida, as plantas baixas apresentaram elementos de mobiliário, tais como banheira com água, pias e fogões. Destacou-se igualmente a preocupação com a correta e fiel representação dos materiais como pedras, tijolos e madeira.

As fachadas mostraram desenhos mais expressivos, com uso de cores, sombras e traçados variados para representar seus elementos e materialidades. A maioria das fachadas apresentou elementos morfológicos e decorativos claros e fundos coloridos pintados com matizes azul, cor-de-rosa e verde azulado. No embasamento foi observada uma tendência por tons mais escuros, em sua maioria em matizes acinzentados e marrons, que apareceram junto com traçados de pincéis e nanquim imitando a escaiola.

As janelas e portas foram pintadas com cores de claridades opostas: os primeiros eram predominantemente de tonalidades claras (branca e bege) e as segundas escuras (marrom, verde e azul). Além das cores, as portas ganharam destaque pelo desenho das almofadas numa variedade de formas e cores, fato que concedeu certa importância às portas na composição das fachadas.

#### 4. CONCLUSÕES

A relevância do estudo e análise da graficação de projetos do passado, por exemplo, do período eclético, consiste em mais uma forma eficaz de reconhecer e registrar a história da arquitetura e o legado do patrimônio para os dias atuais. Nesse estudo foi possível identificar as técnicas gráficas utilizadas no período, como o traçado de linhas precisas e uniformes, convenções de representação, e o uso da tinta aquarelada, presente desde a coloração das fachadas até o sombreado nas plantas baixas e cortes.

Quanto à expressividade, foi destacada a preocupação com a representação da materialidade dos elementos e a aparência das fachadas. Observa-se, nesse caso, a preferência do projetista em deixar o projeto mais perto da realidade para melhor demonstrá-lo e conceder informações adicionais precisas aos clientes.

Esse estudo promoveu o reconhecimento de convenções do desenho utilizadas, algumas usuais até na contemporaneidade, e expressões artísticas que revelam intenções dos projetistas. Além disso, garantiu o registro desses desenhos de forma comentada, colaborando em posteriores estudos sobre restauro e patrimônio.

Um agradecimento à FAPERGS por proporcionar a bolsa de iniciação científica que viabilizou esta pesquisa.



## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e Percepção Visual: Uma psicologia da visão criadora.** Trad. Ivonne Terezinha de Faria. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. 503 p.

CHING, Francis. D. K. **Representação gráfica em arquitetura.** 5.ed. Porto Alegre: Bookman, 2011. 256 p.

NAOUMOVA, N., **Definição das Cores do Ambiente Urbano do Centro Histórico de Pelotas** (parte II), 2003. (Relatório de Pesquisa).